

# O que faz um presidente que tem as mãos livres?

AUC

LUIZ CARLOS LISBOA

A montagem do regimento interno que regulará os trabalhos do plenário da Constituinte foi o fato de maior relevo dos últimos dias, pelas consequências que pode produzir na vida brasileira. A insistência, agora mantida, do presidente da República na obtenção do mandato de cinco anos foi o fato que maior estranheza produziu no mundo político, pelo que representa de inquietação e pelo que antecipa para o futuro do País. E extraordinário que o primeiro dos acontecimentos encerre um esforço desmesurado para conseguir um direito elementar e consagrado em todos os parlamentos e assembleias do mundo civilizado. Após enfrentar quatro votações, incontáveis pressões e uma campanha hostil que dura até agora nos meios de comunicação, a maioria da Assembleia Nacional Constituinte conseguiu aprovar critérios regimentais que reconhecem seus direitos de maioria. O que em outras culturas é consagrado e aceito pacificamente, aqui precisou ser conquistado em dura luta pelo grupo centrista, insistentemente chamado de direita pelos constituintes minoritários derrotados.

O presidente José Sarney não luta mais de peito aberto para que seu mandato seja fixado em cinco anos. Conselhos e meditações mostram ao político experimentado que as imagens que se fixam no espírito popular são toscas e duradouras, podendo consagrar ou envilecer um homem público para sempre. O político populista — acusação que nunca se fez ao presidente — é aquele que espelha bem os padrões arquetípicos, as posturas mais usuais e identificáveis, os sentimentos mais repetidos e por isso mesmo acessíveis ao entendimento comum. É claro que os populistas se enganam nesse ponto, porque o homem do povo é muito mais intuitivo do que eles supõem — a marca é a pobre convicção e a razão de ser dos que mentem nos palanques. A posição teimosa e bem definida do presidente da República pelo mandato de cinco anos, e sua hostilidade a qualquer redução desse prazo, marcou desfavoravelmente sua imagem pública, de um modo que as pesquisas de opinião revelam hoje sem possibilidade de engano.

O político experiente ouviu a respeito outros homens vividos e confiáveis, e resolveu retroceder a tempo, afirmando seu desinteresse, doravante, pela duração do próprio mandato. Na realidade, sabe-se, agora, o presidente continua ligado ao assunto, tendo saboreado até a esperança de que a maioria na Constituinte (que se descobriu a si mesma recentemente) pudesse dar-lhe a certeza dos cinco anos, com eleição presidencial em 1989. Essa teimosia, agora velada, impressiona os observadores da vida pública brasileira porque revela a decisão presidencial de realizar um governo, não porção, a esta altura) que deixaria fundas marcas na História do País. Quem conhece o temperamento do presidente Sarney diz não acreditar que ele seja homem de

lutar tanto por mais 12 meses de governo, apenas pelo amor ao poder. Há nele um projeto de entrar para os fastos da República, e esses planos teriam sido adiados, até agora, pelo "presidencialismo parlamentarista" que se instalou no Brasil após a morte de Tancredo Neves, com o mais dúbio dos partidos políticos, o PMDB (dito o maior do Ocidente), mantendo um pé firme no governo e outro na oposição, como se conserva até hoje. Feita a ruptura com o PMDB radical (que dá as cartas mas é minoritário nas bases da agremiação), o presidente tem as mãos livres para fazer história. E um ano é pouco para o muito que ele pretenderia.

As esquerdas já intuam o perigo e não querem nem pensar no que pode acontecer se o presidente Sarney consegue fazer um bom governo que eles chamariam de "conservador". De que modo? Privatizando os paquidermes dispendiosos de muitas estatais, estimulando o crédito nos bancos, facilitando o desenvolvimento da pequena indústria e do comércio, acabando de vez com os "choques" econômicos e os decretos-leis, mostrando acreditar no engenho pessoal e no desejo geral de prosperidade, abrindo as portas ao capital estrangeiro e aos grandes investimentos internacionais (do modo como fazem agora a União Soviética e a China), acabando com as "moratórias" demagógicas e renegociando com realismo a dívida externa do País. As esquerdas sentem um frio na espinha quando pensam no que poderia acontecer se o presidente Sarney entendesse que essa era uma revolução a fazer. Se entendesse que essa é a revolução que muitos países do mundo estão fazendo — apesar dos obstáculos e dificuldades criados pelos que precisam desesperadamente da pobreza e do ressentimento para levar avante seu trabalhinho de conquista do poder. Há quem diga que as esquerdas podem ficar tranquilas, uma vez que o presidente não pensa nisso porque nisso não acredita. Há quem afirme que ele acredita, mas não tem coragem de agir. Há ainda quem garanta que para evitar qualquer sucesso basta conceder ao presidente um mandato de quatro anos, que lhe dará mais um ano no poder — tempo insuficiente para colher bons resultados e bastante para passar a idéia de ineficácia.

Enquanto isso, os "históricos" do PMDB estão escolhendo o sucessor do presidente, aquele que será encarregado de manter por mais cinco anos a situação em que estamos há pelo menos três, de imobilidade e descrença, desconfiança e estatismo, demagogia e nacionalismo nanico, arrogância e pobreza. Para esses senhores, que, por menos numerosos que sejam, dominam partidos e vida pública, comissões e assembleias, representações de bairros e confederações de bispos, para esses homens qualquer resultado é satisfatório, desde que a prosperidade não venha atrapalhar seus planos de conservar intacta a desigualdade social, a pobreza absoluta, o desemprego — o descontentamento, enfim, sua matéria-prima e paixão fatal.